

Saramago vem com sua jangada

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Depois de conhecer rapidamente Buenos Aires, onde participou de uma feira de livros, o escritor português José Saramago ancorou a sua *Jangada de pedra* (último romance que escreveu e terceiro publicado no Brasil) em São Paulo, no final da tarde de segunda-feira. Convidado pela Universidade de São Paulo (USP) para participar do 12º Encontro de Professores Universitários e do 4º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, dedicado ao poeta português Fernando Pessoa, ele ainda trouxe a bordo de sua bem recebida embarcação outra notícia para empolgar os leitores que recentemente colocaram o seu *Memorial do convento*, da editora Difel, na lista dos livros mais vendidos.

Até o final do ano, haverá novidades: o editor Luís Schwarcz, da paulistana Companhia das Letras, já combinou com esse experimentado navegador de 65 anos, considerado um dos maiores escritores portugueses da atualidade, o lançamento simultâneo com Portugal de *História do cerco de Lisboa*, cujo enredo o autor ainda mantém como inquebrantável segredo. Mas se até lá os ventos não soprarem a favor de sua conclusão, Schwarcz, que tem *Memorial* como o melhor livro de língua portuguesa dos últimos tempos, promete a publicação de *O ano da morte de Ricardo Reis*, de 1984, centrado num heterônimo de

São Paulo — Zaca Feitosa



Autor dos mais populares da língua portuguesa lança em São Paulo e no Rio o seu mais novo livro

Fernando Pessoa que mora no Brasil, mas retorna a Portugal com a notícia da morte do seu criador.

São exatamente esses dois, *A jangada e O ano da morte*, os livros atualmente mais significativos para Saramago, revela o autor, que está no Brasil com sua mulher, a jornalista espanhola Pilar Del Rio, (permanece em São Paulo até sexta-feira, no sábado segue para o Rio, para participar na segunda-feira de uma noite de autógrafos do último romance na Livraria Timbre). “Um escritor quer bem a todos os seus livros, mas neste momento estes dois têm um sentido profundo para mim”, diz Saramago, também autor de peças de teatro como *A segunda vida de Francisco de Assis* e *A noite*.

A jangada de pedra, romance recém-lançado pela Companhia das Letras contém, na sua opinião, uma proposta de aproximação dos países ibéricos de suas antigas colônias e um protesto contra o distanciamento cultural mantido pela Europa em relação a Portugal e à Espanha. Desprendida do continente europeu após um cataclismo, a península ibérica transforma-se numa imensa jangada de pedra rumo a um “futuro fabuloso”, como sugere a epígrafe de Alejo Carpentier. Singrando pelo Oceano Atlântico, Saramago conduz habilmente a sua jangada para perto das ex-colônias na América Latina, África e Ásia. “Esse futuro almejado traduz-se pela intensificação de diálo-

gos entre os países e povos de fala castelhana e portuguesa”, disse ele. “E quanto mais forte for esse diálogo, mais seremos aquilo que sempre nos atribuíram, mas que poucas vezes fomos: irmãos.”

Não faz muito tempo que Saramago conseguiu começar a viver exclusivamente do que escreve. Depois do primeiro emprego como mecânico de oficina, aos 18 anos, ele já frequentou as mais variadas profissões: foi metalúrgico, desenhista técnico, funcionário público, jornalista e editor dos jornais lisboetas *Diário de Notícias* e *Diário de Lisboa*. Somente em 1975, com *Levantando do chão*, publicado no Brasil pela Difel e transformado em best-seller internacional, tomou a decisão de se dedicar inteiramente à literatura, conquistando, a partir de 1980, aquilo que considera como o direito básico de todo escritor: sobreviver da própria criação. Hoje, Saramago pode dizer que é “escritor 24 horas por dia”, porque é essa a relação com o mundo que o rodeia. Apesar disso, o período mais propício para disciplinar a sua imaginação no papel é normalmente da tarde: “Almoço para escrever e janto porque escrevi”, brinca.

Saramago nasceu em Azinhaga, província de Ribatejo. Aos dois anos foi para Lisboa, onde vive até hoje no bairro da Estrela, mas nunca se desligou da terra natal. Durante a infância e a adolescência — período de formação — passou grandes temporadas naquele lugar, na casa dos avós maternos (pessoas

que, na sua opinião, o marcaram mais do que os próprios pais). Alguns traços biográficos e o seu estilo, o realismo mágico, inspiraram comparações com o escritor colombiano Gabriel García Márquez. Saramago, no entanto, não as preza: “O jogo de classificações é o mais inútil dos exercícios”, pontifica. Embora não considere a sua obra como resultado de grandes influências, aponta os escritores portugueses clássicos do século 16, Camões, frente, como os seus maiores inspiradores literários. Ele não detecta também nenhuma influência de Fernando Pessoa na sua obra: “Não somente na minha, mas em toda a literatura portuguesa atual, Fernando Pessoa continua entre os parênteses, talvez porque os que se permitissem deixar influir poderiam ser tachados de imitadores”.

Em Portugal, afirma também, há poucas informações sobre os autores brasileiros. Ele próprio se julga um mau conhecedor do assunto, apontando, no entanto, Graciliano Ramos como um dos mais brilhantes escritores brasileiros. Saramago não deixa de, modestamente, arriscar uma resposta para explicar o enorme sucesso de *Memorial* no Brasil: “Foram duas linhas de uma matéria escrita pelo Millôr Fernandes no JORNAL DO BRASIL (as linhas diziam: *O amor nos tempos do cólera é excelente, mas Memorial do convento é definitivo*). “Millôr tem grande audiência, e essas palavras devem ter desencadeado uma grande curiosidade”.